

A longa gênese da apreciação da arte nas escolas francófonas de Quebec, de 1876 a 2000: entrevista com Suzanne Lemerise

La longue genèse de l'appréciation de l'art à l'école francophone québécoise 1876- 2000 : entrevue avec Suzanne Lemerise

The long genesis of art appreciation in Quebec's francophone schools 1876-2000: interview with Suzanne Lemerise

DOI: 10.5965/25944630922025e7008

Entrevistadoras :

Mona Trudel
Université du Québec à Montréal -
UQAM
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5993-0917>

Adriana De Oliveira
Université du Québec à Montréal -
UQAM
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9425-5873>

Entrevista realizada em 13 de dezembro de 2024, em Montreal (Québec, Canadá).



Licenciante: *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob uma licença **Creative Commons Attribution 4.0 International License**.

Publicado pela Universidade do Estado de Santa Catarina

 **UDESC** UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Copyright: © 2025 pelos autores.

Submetido: 17/03/2025
Aprovado: 05/05/2025
Publicado: 01/06/2025

Resumo

Este artigo apresenta uma entrevista com Suzanne Lemerise, historiadora da educação artística em Quebec, e examina o lugar da apreciação da arte nas escolas quebequenses entre 1876 e 2000. Lemerise inicia traçando um panorama do sistema escolar de Quebec, que, até 1964 era dominado por comunidades religiosas. Nesse contexto, o acesso à cultura era reservado, sobretudo, aos alunos que frequentavam colégios clássicos particulares. O desenho era ensinado nas escolas públicas como uma disciplina prática (observação geométrica, decoração) com o objetivo de treinar trabalhadores para contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade industrial moderna emergente. Em seguida, ela contextualiza a influência da arte moderna e das teorias psicológicas do desenvolvimento infantil, destacando várias iniciativas que contribuíram para a transição de um simples interesse em arte para o ensino das artes visuais centrado na criança e a presença dos primeiros vestígios escritos do termo apreciação, na década de 1970. O artigo reflete sobre as questões encontradas e os agentes de mudança que, por meio de seu poder de persuasão e do desenvolvimento de materiais didáticos, desempenharam um papel fundamental no surgimento de práticas de apreciação tal como as conhecemos hoje nos currículos escolares de Quebec.

Palavras-chave: Ensino de desenho. Educação estética. Arte moderna. Apreciação da arte.

Résumé

L'article présente un entretien avec Suzanne Lemerise, historienne de l'enseignement des arts plastiques au Québec et interroge la place de la pratique de l'appréciation de l'art à l'école québécoise de 1876 à 2000. Lemerise brosse d'abord un portrait du système scolaire québécois dominé jusqu'en 1964 par les communautés religieuses et dans lequel l'accès à la culture est surtout réservé aux élèves qui fréquentent les collèges classiques privés. L'enseignement du dessin à l'école publique est pratique (géométrie, observation, décoration) et vise à former des travailleuses et travailleurs qui contribueront au développement d'une société industrielle et moderne en émergence. Y sont ensuite présentés des éléments contextuels (art moderne et théories psychologiques du développement de l'enfant), ainsi que différentes initiatives qui contribuent au passage d'un simple intérêt pour l'art à un enseignement des arts plastiques centré sur l'enfant et à la présence des premières traces écrites du terme appréciation, dans les années soixante-dix. L'article met en lumière les enjeux rencontrés ainsi que plusieurs agents de changement qui concourent, par leur pouvoir de persuasion et par le développement de matériel pédagogique, à l'émergence des pratiques d'appréciation telle que nous les connaissons aujourd'hui dans les programmes de formation de l'école québécoise.

Mots clés : enseignement du dessin ; éducation esthétique; art moderne; appréciation de l'art.

Abstract

This article features an interview with Suzanne Lemerise, historian of art education in Quebec, and examines the place of art appreciation in Quebec schools from 1876 to 2000. Lemerise begins with a portrait of the Quebec school system, dominated by religious communities until 1964, in which culture was mainly accessible to students attending private classical colleges. The teaching of drawing in public schools was practical (geometric observation, decoration) and aimed to train workers who would

¹ Mona Trudel é professora associada na Escola de Artes Visuais e Midiáticas (UQAM). Ela se interessa pelas relações entre arte, saúde e populações marginalizadas, bem como pela contribuição da apreciação da arte contemporânea para o diálogo sobre questões sociais em contextos educacionais formais e informais. Ela codirige, com a Professora Ève Lamoureux (História da Arte), a parceria de pesquisa "A Voz da Arte para Pessoas Marginalizadas no Centro de Montreal" (SSHRC-2024-2027). ORCID: 0009-0002-4741-6145. E-mail: trudel.mona@uqam.ca

² Adriana De Oliveira é professora da Escola de Artes Visuais e Midiáticas da UQAM. Seu trabalho se concentra em intervenção artística e educacional em contextos comunitários, culturais e de saúde. Ela também se interessa pela apreciação da arte contemporânea para desenvolver o diálogo intercultural e o pensamento crítico em salas de aula de artes visuais. ORCID: 0009-0006-9425-5873. E-mail: oliveira.adriana@uqam.ca

contribute to the development of an emerging modern industrial society. It then presents contextual elements (modern art and psychological theories of child development) as well as various initiatives that contributed to the transition from a simple interest in art, to child-centered teaching of the visual arts, and to the presence of the first written traces of the term appreciation, in the 1970s. The article sheds light on the issues encountered and the agents of change who, through their power of persuasion and the development of teaching materials, contributed to the emergence of appreciation practices as we know them today in Quebec school curricula.

Keywords: Teaching drawing. Aesthetic education. Modern art. Art appreciation.



Suzanne Lemerise, 2019.

Crédito: Émilie Tournevache, Service de audiovisual (UQAM)

Suzanne Lemerise, renomada especialista em história do ensino das artes visuais no Quebec, é professora associada da Escola de Artes Visuais e Midiáticas da Universidade do Quebec em Montreal. De 1969 a 1999 lecionou história da arte, criação e ensino das artes visuais em cursos de graduação e pós-graduação. Publicou inúmeros livros e artigos nacionais e internacionais. Há vários anos, pesquisa a história do desenho e do ensino das artes visuais no Quebec. Com entusiasmo e generosidade ela concordou em ser entrevistada, o que nos permitiu traçar o que ela chama de longa gênese da valorização nas escolas públicas de língua francesa do Quebec.

Entrevistadoras:

A apreciação da arte na educação artística refere-se a uma abordagem que leva os alunos a analisar uma obra, buscar seus significados e, então, formar um julgamento informado sobre ela, por meio de um processo que envolve várias etapas (Trudel; Oliveira, 2018). Essas etapas podem variar de acordo com o modelo de abordagem: formalista, perceptual, contextual, crítico, fenomenológico, etc. No Programa de Formação da Escola Quebequense (Ministère de l'Éducation, du Loisir et du Sport, 2001, 2004, 2007), a apreciação é uma das três competências que devem ser desenvolvidas e avaliadas nas quatro disciplinas artísticas ensinadas nas escolas (teatro, artes visuais, dança e música), nos níveis primário e secundário.

Qual o papel da apreciação artística nos currículos do ensino primário e secundário entre 1876 e 2000?

Entrevistada:

Os termos educação estética e apreciação artística surgiram tardiamente no Quebec. Para compreender esse lento desenvolvimento, precisamos considerar o sistema escolar do Quebec. Antes da década de 1850, ou seja, antes da criação do Departamento de Instrução Pública, havia pequenas escolas pertencentes a comunidades religiosas, bem como faculdades clássicas, instituições de alto nível para a formação da elite quebequense e o único caminho para a universidade. A abordagem era humanista e focada na exposição à alta cultura. As escolas públicas da província eram então administradas por comunidades religiosas, que mantiveram seu poder na educação até 1964, quando uma nova era, conhecida como Revolução Tranquila³, se instalou em um Quebec necessitado de modernização. O governo então fundou o Ministério da Educação, administrado de forma laica, e os novos diplomas do ensino secundário finalmente deram acesso ao ensino superior.

³ A Revolução Tranquila representa um período de transformação e efervescência nos planos político, econômico e social, que moldou de forma duradoura o Quebec contemporâneo. https://usito.usherbrooke.ca/articles/th%C3%A9matiques/paquin_1

Em 1876, um curso obrigatório de desenho foi adicionado ao currículo escolar. O desenho prático (geometria, observação, decoração) era ensinado com o objetivo de formar trabalhadores e trabalhadoras capazes de participar ativamente do desenvolvimento da emergente sociedade industrial e moderna. A missão das escolas públicas era, portanto, formar jovens para o mercado de trabalho, e certamente não ensinar "arte erudita". As comunidades religiosas dominavam a publicação de manuais de desenho e administravam diversos periódicos educacionais onde os exercícios a serem ensinados eram descritos mensalmente. Essas publicações não ofereciam incentivo algum para incluir o conhecimento da arte e sua história. O mesmo programa de desenho era ensinado em conventos e internatos particulares administrados por comunidades religiosas, mas pode-se constatar ali um nível cultural mais elevado graças à presença de artistas religiosos entre o corpo docente, que compartilhavam seus conhecimentos e sensibilidade cultural com os jovens. O acesso à arte erudita era menor lá do que em faculdades tradicionais; trata-se, antes, de um contato que pode ser descrito como indireto com a arte e sua história.

Charles-Joseph Magnan, diretor da École normale Laval, na cidade de Quebec, onde ocorria a formação de professores, e também editor de um renomado periódico, *L'enseignement primaire* (1881-1937), publicou em 1898 um livro sobre "Beleza" na história da arte, que aborda noções simples relacionadas às belas-artes: arquitetura, escultura, pintura, música e literatura. Essa publicação destinada ao corpo docente da província do Quebec evidencia um mal-estar diante dos diferentes objetivos em vigor no sistema de educação pública e nos colégios clássicos:

Não é nossa intenção introduzir o ensino técnico e regular das belas-artes nas escolas primárias. Longe de nós fazê-lo. Nas páginas imperfeitas e elementares que se seguem, propomos simplesmente despertar na alma dos educadores da juventude o sentimento de beleza e o amor pela arte. (Magnan, 1998, p. ix)

Em suma, Magnan promove uma escola prática, mas não pode deixar de sonhar com uma educação mais cultural.

Entrevistadoras:

Esse sonho de uma escola pública voltada para a cultura, e que possivelmente integra a noção de apreciação, está presente no início do século XX?

Entrevistada:

Ainda não estamos falando de apreciação no sentido que vocês a entendem, mas sim de ações realizadas por gestores educacionais que carregam novos valores. O primeiro, Gérard Morisset, é um artista e historiador da arte que estudou na École du Louvre, na França. Ao retornar a Quebec, dedicou-se à divulgação da história da arte franco-canadense, com interesse particular pelo patrimônio religioso e pelas artes decorativas. Foi contratado em 1935 como diretor de ensino de desenho da província do Quebec. Teve um impacto poderoso sob o regime extremamente conservador e nacionalista de Maurice Duplessis, promovendo o ensino de desenho que integrava o conhecimento da arte e, ao mesmo tempo, promovia a identidade nacional (franco-canadense) por meio da arte. Minhas pesquisas me levaram a identificar traços disso nos currículos escolares entre 1937 e 1939 (Allard e Lefèvre, 1998, p. 604-606), quando a história da arte universal era ensinada nos 8º e 9º anos, seguida pela arquitetura, pintura e artes decorativas franco-canadenses nos 10º e 11º anos. Esses foram os primeiros cursos de história da arte em escolas públicas dentro dos programas de desenho, que sempre foram orientados para um propósito prático. Outro fato a ser observado é que Morisset, que lecionava cursos na Escola Normal Laval, reunia seus alunos e alunas durante o verão para oferecer-lhes visitas culturais focadas no patrimônio religioso ao redor da cidade de Quebec.

Gérard Morisset não estava sozinho em seu sonho de integrar o conhecimento da arte ao currículo de desenho. Esse sonho também foi materializado na pessoa de Jean-Baptiste Lagacé, que, após uma longa carreira docente, tornou-se diretor de ensino de desenho na Comissão Escolar Católica de Montreal (CÉCM). É preciso reconhecer que este conselho escolar era o mais importante da província em termos de ensino de desenho, visto que era principalmente em Montreal que a

indústria e o comércio se desenvolviam. Lagacé também foi o pioneiro do ensino de história da arte na Universidade de Montreal. As visões dos dois homens divergiam. Lagacé aspirava a um ensino da história da arte universal em todos os níveis do ensino secundário, enquanto Morisset era apaixonado pela pesquisa sobre o patrimônio artístico franco-canadense, o que correspondia aos objetivos nacionalistas da época, mais especificamente o despertar de uma identidade cultural até então negligenciada. Aqui podemos ver que o interesse em integrar conceitos de história da arte ao currículo escolar estava ligado a questões políticas e culturais nacionalistas. No entanto, não há indícios de que esse enriquecimento do programa tenha sido implementado em sala de aula. Nenhum documento pedagógico foi oferecido aos professores e professoras que já tinham dificuldade em lecionar o programa regular de desenho. É importante notar aqui que o desenho era ensinado por professores titulares⁴ que não haviam recebido formação nos códigos e propósitos do desenho; apenas a Comissão Escolar Católica de Montreal (CÉCM) contratava especialistas devidamente formados nas duas escolas de arte da província. Esses "professores especiais", como eram chamados na época, eram poucos, lecionavam em meio período em escolas secundárias e tinham contratos anuais renováveis. Essas condições persistiram até 1964.

Entrevistadoras:

Os anos anteriores à Revolução Tranquila foram um período de transição significativa, com reivindicações pela substituição das aulas de arte nas escolas públicas. O que motivou essas mudanças? Quem as iniciou?

⁴ No Québec, o termo titular é utilizado para designar os professores que não são especializados na área das artes plásticas ou visuais.

Entrevistada:

A partir da década de 1920, os artistas europeus foram influenciados pelos desenhos infantis, que representavam para eles uma forma de dar forma às suas aspirações de libertação do academicismo. Esse movimento da arte moderna exerceria forte influência cultural no Quebec a partir das décadas de 1930 e 1940, por meio da criação de aulas de arte aos sábados para crianças, com o objetivo de envolver os jovens nesse grande movimento de liberdade de expressão por meio da arte. Além disso, críticas virulentas ao ensino do desenho nas escolas emergiram do mundo da arte. Irène Senécal⁵, que lecionava aulas aos sábados e em escolas públicas, posicionou-se a favor de uma mudança radical no currículo graças à influência de importantes autores de sua época, incluindo Herbert Read e Viktor Lowenfeld. Ela queria acabar com o desenho de imitação, experimentando nas escolas dos conselhos escolares de Montreal e Lachine uma nova abordagem educacional centrada na expressão pessoal da criança, respeitando seu desenvolvimento psicológico.

Entrevistadoras:

Essas novas ideias terão algum impacto nos programas de desenho do Departamento de Instrução Pública?

Entrevistada:

Um lento movimento de mudança começou nas décadas de 1940 e 1950, em um clima de turbulência. Maurice Lebel, diretor de ensino de desenho da Comissão Escolar de Montreal (CÉCM), apresentou o programa de desenho do ensino fundamental de 1948 (Comitê Católico do Conselho de Instrução Pública, 1948) a

⁵ Irène Senécal é pintora e pedagoga, além de ser uma pioneira no ensino das artes plásticas no Quebec. A influência de Senécal se fará sentir nas escolas públicas, na formação de futuras professoras e futuros professores, nas atividades extracurriculares e no programa ministerial de 1956. Seu modelo dá ênfase a temáticas que variam conforme a idade das crianças, bem como a trabalhos de memória e imaginação.

professores e professoras especialistas em 1949. Seis mulheres, incluindo Irène Senécal, se opuseram aos métodos de ensino propostos, que consideravam inadequados para o desenvolvimento infantil. Esse programa era de fato muito acadêmico e ainda baseado em desenho geométrico, decorativo e de observação. Em outras palavras, visava incentivar os alunos a desenhar bem imitando modelos. Essa situação mudaria alguns anos depois. Em 1952, durante uma reunião pedagógica, os professores especialistas do CÉCM propuseram um programa de desenho inovador baseado em exemplos de desenhos de alunos produzidos durante os experimentos de Senécal em suas aulas. Laurent Morin, então diretor do departamento de desenho do CÉCM, apoiou as reivindicações e apresentou um projeto de programa de artes do ensino secundário ao Departamento de Instrução Pública, que foi aceito em 1956. No entanto, ele nunca conseguiu modificar o programa de desenho do ensino fundamental. Foi uma vitória parcial, certamente, mas seria decisiva para o futuro.

Entrevistadoras:

A expressão pessoal da criança está no cerne do modelo educacional de Irène Senécal. Há nele algum traço sobre a apreciação? Havia alguma forma de compartilhamento entre os alunos com base em suas produções ou uma apreciação de imagens artísticas em seu modelo?

Entrevistada:

A pedagogia de Sénecal concentra-se na expressão pessoal por meio da ação, não na apreciação. Sénecal baseia seu ensino nos preceitos da arte moderna — mesmo que não seja explicitamente nomeada — e em teorias do desenvolvimento infantil. No novo currículo de 1956 para o 8º e 9º ano (Comitê Católico do Conselho de Instrução Pública, 1956), no entanto, vemos os seguintes termos, que abrem caminho: Introdução à Arte — Apresentação e análise de obras e apreciação de qualidades estéticas. O termo apreciação aparece simultaneamente ao termo iniciação.

Entrevistadoras:

Como você descreveria esse período?

Entrevistada:

Foi um período que chamo de intermediário, que precedeu a Revolução Tranquila. Senécal teve a incrível sorte de contar com o apoio dos diretores de estudos de duas comissões escolares, a de Montreal e de Lachine, para desenvolver o conteúdo do programa de artes plásticas de 1956. As condições de implementação foram muito difíceis, exceto em Montreal e Lachine. Além disso, antes de 1960, nenhum material didático era fornecido pelas comissões escolares. Quanto à introdução às artes ou à apreciação artística, não havia documentos educacionais ou recursos visuais disponíveis, nem para professores regentes do ensino primário nem para os poucos professores de arte que lecionavam no ensino secundário. É bastante surpreendente notar que esse programa de 1956 era mal divulgado e frequentemente desconhecido, mesmo pelos professores especialistas em arte, incluindo eu, que lecionei em escolas em 1962-1963 e 1964-1965.

Entrevistadoras:

Uma grande reviravolta na educação foi sentida após a publicação do Relatório dos Pais⁶. Os novos programas que se seguiram deram espaço para a apreciação?

⁶ A reforma completa do sistema educacional decorre do Relatório dos Pais (*Rapport Parent*), elaborado pela Comissão Real de Investigação sobre o Ensino na província do Quebec, publicado em 5 volumes entre 1963 e 1966. O *Rapport Parent* propõe um novo humanismo para responder às necessidades de uma sociedade em processo de modernização e aberta ao mundo. O acesso dos formandos da escola pública à universidade é uma das recomendações mais importantes.

Entrevistada:

A grande reforma do sistema educacional de Quebec, em 1964, concretizou-se com a chegada de novos programas de artes plásticas às escolas primárias e secundárias em 1968, o que pôs fim à incerteza da década de 1950, anunciando o fim de um regime político marcado pelo conservadorismo. O programa do ensino fundamental de 1968 (Ministério da Educação, 1968a) menciona a importância de introduzir os alunos às artes visuais por meio da apresentação de obras de arte, e nada mais. No nível secundário (Ministério da Educação, 1968b), o programa é mais específico e inovador. Para o 1º e 2º ano do secundário⁷, era oferecida uma introdução às artes e à história da arte, vinculada aos temas principais. O programa é muito mais desenvolvido para o 3º, 4º e 5º ano: a história da arte pode ser apresentada por temas, por técnicas, por comparações estilísticas e por ordem cronológica. Especifica-se que 20% da grade curricular deve ser destinada à história da arte. No 5º ano secundário, a atenção integral é dada à história da arte do Canadá e do Quebec. Um programa e tanto! O termo *apreciação* não é mencionado em nenhum lugar, embora seja mais preciso do que o termo *iniciação às artes*. Uma grande inovação é introduzida: um componente de artes visuais e comunicação de massa é oferecido a partir do 3º ano secundário. Fotografia, cinema, televisão, cenários e cartazes estão no programa; a relação com o conhecimento artístico dessas mídias é proposta para cada uma das técnicas; trata-se da história da mídia.

No Guia Ministerial de Artes Visuais de 1973 (Governo de Quebec, 1973), duas páginas inteiras são dedicadas a uma introdução às artes plásticas e à história da arte. Há várias recomendações embaralhadas, a maioria das quais estão relacionadas ao conhecimento da linguagem plástica e ao estilo das obras. Podemos observar aqui um primeiro passo para a apreciação artística. Dito isso, como todas essas propostas serão implementadas nas aulas do ensino secundário, especialmente considerando que o número de especialistas em artes visuais

⁷ Cabe observar que o 1º, 2º e 3º ano do ensino secundário no Quebec correspondem ao 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental no Brasil, e o 4º e 5º ano correspondem aos dois primeiros anos do Ensino Médio.

aumentou consideravelmente após a emissão de um certificado de ensino especializado em artes visuais em 1963?

No início da década de 1970, o manual *ART 1* (Dupuis-Leblanc, Joyal e Duquesne-Brière, 1970a), um importante recurso educacional, foi publicado e assinado por Monique Duquesne-Brière, discípula de Senécal e diretora de ensino de desenho no CÉCM desde 1966. Ela foi responsável pelo projeto de publicação, escrito em colaboração com Yolande Dupuis-Leblanc, professora da UQAM (Université du Québec à Montréal) e Bruno Joyal, orientador educacional do CÉCM. Trata-se de um manual de 503 páginas, destinado a alunos do 1º ano do ensino secundário. É uma obra ilustrada em preto e branco de alta qualidade, muito bem estruturada em torno dos principais temas da arte comparada com obras encontradas na história da arte universal. Ela é acompanhada por um guia do professor (Dupuis-Leblanc, Joyal e Duquesne-Brière, 1970b). Os autores apresentam nela uma abordagem pedagógica baseada na descrição de obras individuais e na comparação de imagens do mesmo período. A abordagem de apreciação sugerida é puramente descritiva. Por exemplo, os alunos são solicitados a descrever por escrito a técnica utilizada, bem como os aspectos plásticos e emocionais da obra. Não se trata da emoção sentida pelo aluno, mas daquela que emerge da obra. O papel do professor é guiar o aluno rumo ao conhecimento da história da arte por meio de temas e da comparação de diversas obras sobre o mesmo tema.

Entrevistadoras:

Qual foi o impacto da publicação deste manual do professor nas escolas?

Entrevistada:

Imagino que Monique Brière tenha falado sobre isso durante as oficinas de formação de professores que ministrou no CÉCM. Estava previsto publicar cinco manuais, um por série, mas apenas um foi publicado devido à falta de financiamento.

Embora o escopo deste livro pareça limitado, ele prenuncia as grandes mudanças que ocorreriam na década de 1980.

Vale notar que havia certa resistência ou indiferença entre os especialistas à ideia de mostrar imagens de arte aos alunos, uma vez que estávamos saindo de um período muito rígido de cópia de imagens. Havia, portanto, o medo de cair novamente "nesta armadilha da cópia" ao mostrar imagens de artistas. Era sobretudo a noção de uma imagem autêntica do aluno que importava naquela época.

No contexto da década de 1970, tudo girava em torno do ateliê, que era uma verdadeira inovação, particularmente na arte e na comunicação. Devemos nos colocar no espírito da época. Era muito emocionante para os professores de arte trabalhar em ateliê, com as portas fechadas, utilizando ferramentas e uma riqueza de materiais fornecidos pelas comissões escolares. A recusa de modelos, o medo de influenciar a espontaneidade dos alunos e a falta de materiais visuais de fácil acesso contribuíram para retardar a promoção da história da arte e a apreciação da arte nas salas de aula de artes plásticas.

A comunidade de ensino de artes plásticas foi estruturada na mesma época com a criação da Associação de Professores de Artes Plásticas (APAPQ)⁸, fundada em 1968, um ano após a publicação dos novos currículos. É evidente que estamos entrando em uma nova era. Não apenas os professores e professoras especialistas da província estão se reunindo pela primeira vez na história de sua disciplina, mas também está sendo publicada nesta época uma revista que lhes dá voz e permite que discutam seu ensino. Entre 1970 e 1980, há três artigos sobre história da arte, incluindo um escrito por René Durocher (1973), um professor especialista, que menciona ter criado 15 equipes de colaboradores que consultaram 109 alunos em escolas para refletir sobre como ensinar história da arte. Os resultados são muito mistos, porque a organização era muito complexa, mas o questionamento agora é

⁸ A Associação Quebequense de Professoras e Professores Especialistas em Artes Visuais (Association québécoise des enseignants et enseignants spécialistes en arts plastiques - AQESAP) nasceu da fusão, em 1979, de duas associações: a Associação dos Professores de Artes Visuais do Quebec (Association des professeurs d'arts plastiques du Québec - APAPQ), fundada em 1968, e a Associação dos Responsáveis pelo Ensino das Artes Visuais do Quebec (Association des responsables de l'enseignement des arts plastiques du Québec - AREAPQ), fundada em 1967. <https://aqesap.org/a-propos/mission2/>

atual. E, para minha grande surpresa, dois artigos tratam da experiência estética. Um, publicado em 1975, é de Suzanne Blouin-Rafie (1975), uma agente de desenvolvimento educacional do Ministério da Educação, e um segundo, em 1979, é de Claude Blin⁹, professor do *Cégep du Vieux Montréal*. Blouin-Rafie e Blin estão interessados no mesmo tema, mas se referem a autores diferentes, todos intimamente ligados à pesquisa universitária. Ambos sustentam que a experiência estética está ligada ao mundo da percepção, das sensações e dos gostos, ou "ciências do conhecimento através dos sentidos" (Blouin-Rafie, 1975, p. 9). Blouin-Rafie recomenda que o aluno olhe e apreenda primeiro seu universo visual e seu ambiente, e não apenas uma obra de arte para conhecer, descrever e analisar. Sua abordagem é pragmática. Claude Blin é um pouco mais cético; considera que os conceitos de experiência estética são difíceis de compreender e, sobretudo, de transpor para uma estratégia pedagógica. Com eles, assistimos à gênese de um novo conceito, apoiado pela pesquisa universitária, mas sem efeito imediato nas práticas de ensino.

Entrevistadoras:

Houve grandes mudanças nos currículos na década de 1980. Você pode falar sobre essas mudanças e as pessoas que contribuíram para elas?

Entrevistada:

Três pessoas tiveram uma influência decisiva no sucesso da implementação da apreciação artística nas escolas: Hélène Gagné, Louise Bourbeau-Poirier e Monique Brière.

Hélène Gagné, discípula de Senécal, lecionou arte em escolas públicas e na École des Beaux-Arts de Montréal. Ela concluiu o doutorado na Universidade de Columbia e lecionou na Universidade Concordia de 1971 a 1976. No final da década de 1970, foi convidada a preparar um documento de trabalho como parte da revisão

⁹ Blin, Claude (n.d.circa 1980) Que veut-on dire par esthétique et expérience esthétique ? *Vision* 27, p. 22-23.

do currículo de artes plásticas pelo Ministério da Educação. Para Gagné, a arte representa o ápice da vida humana. Ela tinha profundas convicções sobre a importância da arte na evolução da humanidade. Seu pensamento pedagógico se refere à imagem interior da criança, ou seja, o "ver", que se concretiza através do "fazer". Os autores do programa ministerial de artes plásticas de 1981-1982 foram influenciados por sua abordagem, mas privilegiaram uma abordagem pedagógica dividida em três partes: "Perceber-Fazer-Ver". Apesar das diferenças entre o ensino primário e secundário, perceber consiste em criar uma situação a partir de um tema que será reinvestido pelo aluno no momento da criação plástica. O tema é apreendido por meio dos sentidos (olhar, tocar, cheirar, observar e compreender a realidade à sua maneira ou imaginar uma outra realidade). O fazer se dedica à criação de uma imagem pessoal. O ver, por sua vez, está associado a uma imagem concreta, seja ela produzida pelos alunos ou por um artista. Perceber é definido em termos que abordam implicitamente a experiência estética, enquanto ver faz parte de um processo de apreciação da imagem. Gagné é a primeira a querer que o aluno fale sobre sua imagem, a dos outros e a obra de arte.

Uma segunda pessoa marca a década de 1980. Ela é Louise Bourbeau-Poirier, que leciona pedagogia artística na Escola de Artes Visuais da Universidade Laval, após ter concluído um doutorado na Universidade Estadual de Ohio, nos Estados Unidos, em 1978. Louise Bourbeau-Poirier publicou em 1979 um documento educacional de 334 páginas, destinado ao ensino primário, intitulado *L'éclosion esthétique de l'esprit, de l'oeil et de la main*, escrito em estreita colaboração com Michelle Pelletier, France Verreault e André Théberge, jovens professores da universidade. As referências estão intimamente ligadas a diferentes autores que tratam da experiência estética. Neste volumoso documento, são descritos 90 conceitos associados às noções da linguagem plástica. O que acho brilhante em Bourbeau-Poirier é que ela utilizou o termo "florescimento estético", um estágio fundamental da percepção a partir do qual Pelletier, Verreault e Théberge desenvolveram estratégias pedagógicas, que são, aliás, verdadeiras pequenas joias.

Entrevistadoras:

Você pode dar um exemplo das estratégias empregadas por Bourbeau-Poirier?

Entrevistada:

A abordagem recomendada está vinculada à criança em seu contexto de vida. Propõe-se que o professor faça a criança brincar, falar, até dançar, etc. Suas estratégias pedagógicas centram-se na aprendizagem de uma noção de linguagem visual relacionada à experiência da criança, como, por exemplo, suas roupas. As imagens, infelizmente de péssima qualidade, remetem a todas as áreas do mundo visual contemporâneo. Trata-se de uma estética do cotidiano. Seu objetivo é desenvolver a sensibilidade estética do aluno para levá-lo a compreender e, sobretudo, a amar a arte por meio do aprendizado da linguagem plástica.

Entrevistadoras:

Qual foi a influência de Bourbeau-Poirier?

Entrevistada:

Sua influência foi particularmente sentida por Michelle Pelletier e France Verreault¹⁰, que promoveram essa nova direção entre os estagiários de ensino da arte da Universidade Laval. É o que chamo de Escola do Quebec.

A terceira pessoa que teve um grande impacto na apreciação da arte na década de 1980 foi certamente Monique Brière, que, após sua longa carreira no

¹⁰ A partir dos anos noventa, essas duas professoras passaram a apresentar regularmente sobre o tema da apreciação no congresso anual da Associação Quebequense de Educadores e Educadoras Especializados em Artes Visuais (AQÉSAP). Elas publicaram um artigo (Pelletier e Verreault, 1991) cuja relevância permanece até hoje.

CÉCM, se envolveu pessoalmente na publicação dos livros *L'image de l'art* (A Imagem da Arte) para abordar a crítica falta de recursos primeiramente nas escolas primárias e depois nas escolas secundárias. O projeto de Brière visava desenvolver livros contendo reproduções de obras de arte e acompanhamento textual para atender às exigências dos novos programas de 1981-1982 sobre as conexões entre *o perceber, o fazer e o ver*. Iniciado em 1983, o projeto *L'image de l'art* foi subsidiado pelo MEQ. De início, foram publicados seis manuais do professor para o ensino fundamental, cada um acompanhado de um estojo contendo 27 grandes reproduções (46 x 58 cm) de obras de diferentes períodos históricos. Os primeiros seis livros, escritos explicitamente para professora e professores do ensino fundamental, explicavam primeiramente o conteúdo do novo programa de artes plásticas com foco nas temáticas. Em seguida, apresentava a metodologia para uma implementação bem-sucedida em sala de aula e sugestões concretas para atividades práticas. A bibliografia e as informações sobre cada uma das obras eram apresentadas em um documento anexo a cada caixa. As caixas *L'image de l'art* eram vendidas em todo o Quebec e em comissões escolares. De 1984 a 1988, Brière manteve a mesma abordagem, desta vez para turmas do ensino secundário; a caixa continha então 40 reproduções. Inúmeras publicações complementares foram escritas ainda na década de 1990 por vários professores de artes visuais em colaboração com Monique Brière, desta vez acompanhadas de reproduções do tamanho de cartões-postais. Os alunos podiam visualizar e manipular uma reprodução dentro da sala de aula, ao contrário dos slides ou imagens digitais de hoje. Uma aproximação com as obras que facilita muito o processo de apreciação. Assim como Irène Senécal, Monique Brière, juntamente com diversos colaboradores, conseguiu dar à apreciação de arte um lugar nas escolas da província. Nas publicações de *L'image de l'art*, não há referências a autores importantes. É o conhecimento experiencial e o compartilhamento de um ideal comum que motivam os editores, que têm longa e rica experiência no ensino de artes plásticas em escolas.

No final dessas décadas de 1980 a 2000, constato a quase total ausência de referências à arte no cotidiano do aluno em Gagné e Brière, como desejado por Suzanne Blouin-Rafie e desenvolvido pela equipe de Louise Bourbeau-Poirier. Pouca arquitetura contemporânea, nenhum design, nenhuma fotografia. A filosofia do

*Relatório Rioux*¹¹ sobre o papel da arte no mundo da comunicação visual e no meio ambiente é esvaziado, exceto no componente opcional em arte e comunicação¹² oferecido a partir do 3º ano do ensino secundário, um programa que infelizmente se desenvolveu em certo isolamento. Observo, no entanto, que as artes da comunicação e do meio ambiente ensinadas estão vinculadas à história recente da mídia, sem, contudo, desenvolver estratégias pedagógicas específicas.

Para concluir, eu diria que os anos de 1980 a 2000 marcam a concretização do desejo latente e há muito tempo embrionário de estabelecer, por meio de uma documentação adequada, o conhecimento e a prática da apreciação artística, um complemento essencial ao trabalho em ateliê. Marcam também a nova influência das pesquisas nos artigos publicados por Louise Bourbeau-Poirier e seus discípulos, enquanto o trabalho da equipe de Monique Brière se baseia no conhecimento experiencial, duas estratégias complementares. Era certamente necessário publicar documentos educacionais, mas, acima de tudo, era necessário contar com Hélène Gagné, Louise Bourbeau-Poirier e Monique Brière, que acreditavam profundamente na importância de convencer professores regentes de sala de aula e até mesmo professores formados em artes plásticas ou visuais de que é essencial conectar o fazer e o ver durante as aulas de arte. De 1980 a 2000, a comunidade docente de artes plásticas finalmente deu um passo decisivo que perdura até hoje.

Entrevistadoras:

A entrevista com a pesquisadora Suzanne Lemerise apresenta um panorama histórico da educação estética e da apreciação artística nos currículos

¹¹ O Relatório Rioux (*Rapport Rioux*), publicado em 1969, é resultado de uma comissão de inquérito sobre o ensino das artes, presidida pelo sociólogo Marcel Rioux a partir de 1966.

¹² O final dos anos 1960 foi marcado por um interesse crescente pelos novos meios de comunicação. Muitos artistas, fascinados pelas novas tecnologias, as integraram à sua prática. A comissão de inquérito Rioux sobre o ensino das artes ampliou, aliás, sua definição de arte para incluir outras esferas, como o design, o cinema e a fotografia. No final da década de 1960, o Ministério da Educação do Quebec propôs uma reforma dos programas escolares em artes plásticas. No ensino secundário, esse componente foi dividido em dois eixos opcionais: um dedicado às artes plásticas e outro aos meios de comunicação de massa.

escolares do Quebec, de 1876 a 2000. Lemerise traça o desenvolvimento da educação estética, uma abordagem originalmente centrada na "alta" cultura, voltada para a elite quebequense, e em aulas de desenho destinadas a preparar jovens da classe trabalhadora para o mercado de trabalho. Este último aspecto destaca como o ensino do desenho respondeu às necessidades do surgimento da sociedade industrial no final do século XIX e, posteriormente, à promoção da identidade nacional franco-canadense. O modernismo na arte e as teorias do desenvolvimento infantil na primeira metade do século XX tiveram um impacto significativo no desenvolvimento de um modelo centrado na expressão pessoal da criança e no respeito por seu desenvolvimento. Lemerise destaca diversas iniciativas e lutas lideradas, notadamente por Irène Senécal e seus seguidores, que abriram caminho para uma forma diferente de ensinar artes plásticas e integrar a arte e sua apreciação aos currículos escolares do Quebec. A importância dessa competência no desenvolvimento geral dos alunos, como vimos, desenvolveu-se muito lentamente e nem sempre foi percebida positivamente no ambiente escolar. A rejeição de um modelo acadêmico de ensino de desenho e o fascínio pela criação e exploração artísticas em ateliê estão entre os fatores que contribuíram para o declínio da prática de apreciação artística nas salas de aula de artes plásticas.

Qual é o estado da prática de apreciação atualmente? Como mencionado na introdução desta entrevista, além da criação de imagens pessoais e da criação de imagens midiáticas, a competência de Apreciação deve ser desenvolvida e avaliada nas quatro disciplinas artísticas ensinadas nas escolas (teatro, artes plásticas, dança e música), nos níveis primários e secundário (Ministério da Educação, Lazer e Esporte, 2001, 2004, 2007). No entanto, a abordagem de apreciação proposta no programa é formalista e mal adaptada às práticas artísticas contemporâneas, cujas fronteiras se expandiram em termos de temas, meios e técnicas, e menos ainda para objetos culturais de diferentes culturas. Além disso, o "como" conduzir uma sessão de apreciação com alunos de diferentes níveis e em contextos diversos não é explicado. Devido à falta de recursos e à dependência de um legado modernista, muitos professores especialistas em artes plásticas priorizam o FAZER em detrimento de uma prática de apreciação baseada na análise perceptiva, interpretativa, contextual e crítica da arte, na qual as vozes dos alunos, em toda a sua diversidade, são ouvidas.

Na prática de apreciação, a ênfase recai sobre os elementos formais das obras, o que contribui para a dificuldade de lidar com certas obras de arte mais contemporâneas. Além disso, predomina uma abordagem de apreciação individual e escrita, deixando pouco espaço para explorar o potencial pedagógico oferecido pelo diálogo interativo e coletivo. No entanto, práticas inovadoras de apreciação estão sendo desenvolvidas no sistema escolar, mas permanecem insuficientes ou pouco difundidas.

Como afirma Lemerise, a mudança leva tempo e é alcançada por meio da perseverança e da combatividade de indivíduos que conseguem realizar mudanças, pequenas e grandes. Concluimos expressando a esperança de que a reflexão e as iniciativas continuem sobre como fortalecer o papel da prática de apreciação nas escolas do Quebec, tanto na formação inicial de alunos que pretendem lecionar artes plásticas em escolas quanto na formação continuada de professores especialistas no Quebec. Acreditamos que essa prática, além de desenvolver o olhar crítico, nutre a sensibilidade estética, a compreensão cultural e a capacidade de diálogo sobre arte e por meio da arte, competências fundamentais para uma educação artística contemporânea, inclusiva e engajada.

Referências:

ALLARD, Michel et LEFEBVRE, Bernard (dir.). **Les programmes d'études catholiques francophones du Québec** : des origines à aujourd'hui. Montréal : Éditions Logiques, 1998.

BLOUIN-RAFIE, Suzanne. Esthétique : mot-mystère ou expression quotidienne. Dans: **Vision**, no 20 (automne 1975), p. 6-13.

BRIÈRE, Monique. **L'image de l'art**. Le Centre de Documentation Yvan Boulerice, Montréal, 1983.

COMITÉ CATHOLIQUE DU CONSEIL DE L'INSTRUCTION PUBLIQUE. Dessin. Dans : **Programme d'études des écoles primaires élémentaires**, 1948, p. 463-504.

COMITÉ CATHOLIQUE DU CONSEIL DE L'INSTRUCTION PUBLIQUE. Les arts. Dans : **Programme d'études des écoles secondaires**, 8e et 9e année, 1956, (p. 203-206).

DUPUIS-LEBLANC, Yolande, JOYAL, Bruno et DUQUESNE-BRIÈRE, Monique. **Art 1**. Montréal : Éditions Guérin. 1970a.

DUPUIS-LEBLANC, Yolande, JOYAL, Bruno et DUQUESNE-BRIÈRE, Monique. **Le livre du maître**. Montréal : Guérin éditeur. 1970b.

DUROCHER, René. De l'enseignement de l'histoire de l'art. **Vision**, no 10, (janvier 1973), p. 12-17.

LEMERISE Suzanne et SHERMAN Leah. Modern Art and Child Art in Quebec: The Symbiotic Relationship between the Art Field and Child Art. Dans : Harold Pearce (dir.), **From Drawing to Visual Culture**. Montréal & Kingston : McGill-Queen's University Press. 2006, (p. 120-146).

MAGNAN, Charles-Joseph. **À travers les beaux-arts, architecture, sculpture, peinture, musique littérature** : simples notions. Québec : L. J. Demers, 1898.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION, **Guide pédagogique – Arts plastiques**, Direction générale de l'enseignement élémentaire et secondaire, division des Beaux-Arts, Service des programmes, gouvernement du Québec, 1973, 20 p.

PELLETIER, Michèle et VERREAULT, France, (1991). Rencontre avec l'art actuel. **L'art contemporain et l'enseignement des arts dans les classes du primaire et du secondaire**, Actes de colloque, 1991, Université du Québec à Montréal.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION. **Programme d'études des écoles élémentaires – Arts plastiques**. Direction générale de l'enseignement élémentaire et secondaire, division des Beaux-Arts, Service des programmes, gouvernement du Québec, septembre 1968a.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION. **Programme d'études des écoles secondaires – Arts plastiques**. Direction générale de l'enseignement élémentaire et secondaire, division des Beaux-Arts, Service des programmes, gouvernement du Québec, septembre 1968b.

Rapport Parent - **Rapport de la Commission royale d'enquête sur l'enseignement dans la province de Québec**, 5 volumes, 1963-1966.

TRUDEL, Mona, DE OLIVEIRA, Adriana, MATHIEU, Élyse (2018). L'apport de l'art actuel à l'éducation interculturelle : proposition d'une approche d'appréciation en classe d'arts plastiques, **Éducation et francophonie Revue scientifique virtuelle**. Volume XLVI, 2, p.109-124. <https://www.erudit.org/fr/revues/ef/2018-v46-n2-ef04236/1055564ar.pdf>